

SOBRE MULHERES E PRODUÇÃO EM CIÊNCIAS: DISCUTINDO QUESTÕES DE GÊNERO EM AULAS DE QUÍMICA.

Fernanda Silva Fernandes (IC), Gustavo Augusto Assis Faustino(IC), Morgana Abranches Bastos(IC), Regina Nobre Vargas*(PG), Anna M. C. Benite(PQ)

Coletivo Ciata, Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão, LPEQI, Universidade Federal de Goiás-UFG – fernandes.fsilva@gmail.com

Palavras-Chave: *Mulheres na Ciência, Aulas de Química, Equidade de Gênero.*

Introdução

Segundo o relatório mundial da UNESCO “*Gender and Education for All: The Leap to Equality*” de 2007, as adolescentes não buscam as ciências e os estudos técnicos na mesma proporção que os adolescentes do sexo masculino, embora haja variação por área temática e por país. Acreditamos que tal fato tem origem nas ações que acontecem na família e na própria escola. Pois “*Não se discute a mulher em sala de aula, não se dá visibilidade às questões pertencentes ao feminino, nem a influência e participação de mulheres nas ciências, na sociedade, nas artes, nas religiões e na vida. A química, a física e a matemática são reafirmadas, principalmente pela prática dos educadores, como essencialmente masculinas*”¹

O Coletivo CIATA tem investido em ações que promovam e estimulem a inclusão de meninas nos cursos de química. Desta forma, o objetivo deste trabalho é apresentar uma dessas iniciativas, o projeto de pesquisa e extensão intitulado “*Investiga Menina!*”

Resultados e Discussão

O tripé que sustenta a universidade é a pesquisa, o ensino e a extensão. Pensar num projeto que conjugasse ensino e extensão foi uma tentativa de atingir os núcleos familiares e as diferentes reproduções de mecanismos de subalternidade feminina.

Por outro lado, a população brasileira é majoritariamente feminina (51%) e preta e parda (50,7%) (IBGE 2010). Mais de 30% do total de bolsistas na Iniciação Científica em 2015 eram negros e negras nas bolsas de formação e de pesquisa do CNPq. Entretanto, as bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) “*são as que apresentam, de forma mais nítida, a exclusão de pretas e de indígenas no sistema de C&T, assim como apresentam a maior desigualdade de gênero*”² De um total de 14.040 bolsistas PQ, no início de 2015, apenas 4.993 eram mulheres, o que corresponde a 35,6%.

De acordo com (Brasil, 2001, versão 4.1), observa-se que tanto homens quanto mulheres participam de diferentes áreas do conhecimento, sendo que nas áreas das engenharias, computação, ciências exatas e agrárias é predominantemente masculinizada enquanto as mulheres estão nas ciências humanas, da saúde e biológicas. Observa-se também que as grandes áreas do conhecimento tronaram-se amplamente segregadas por gênero, não se vê a presença igualitária de homens e mulheres, o que se tem são áreas do conhecimento que “*pertencem*” aos homens e áreas do conhecimento que são predestinadas as mulheres. Quando o recorte é a raça a situação fica mais comprometida ainda.

O Investiga Menina vem atuando na aproximação entre as estudantes da escola básica e as práticas científicas por meio de ações direcionadas em laboratório de química e que, ao mesmo, tempo busquem visibilizar as práticas, as pesquisas e a história de vida de pesquisadoras brasileiras e para tal criou canais de comunicação nas principais redes sociais utilizadas tal

como apresentado nas figuras 1 e 2. Cabe lembrar que como estes canais funcionam como instrumentos de coleta de dados para a pesquisa eles são restritos.



Figura 1- Página do Investiga Menina no facebook.

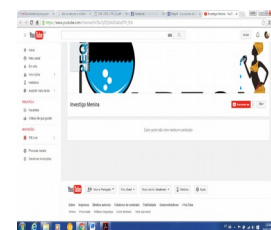


Figura 2- Canal do projeto no YouTube.

Nestes espaços de socialização e divulgação apresentamos Objetos Virtuais de Aprendizagem (OVAs). O projeto esta em fase inicial de implementação e por isso os OVAs ainda estão sendo construídos. Estes terão duração de 3 à 5 minutos e irão abordar a historiografia de mulheres cientistas contemporâneas utilizando as ferramentas de comunicação a distância, produzidas por meio do contato entre as estudantes de ensino médio e as cientistas. Estudantes e cientistas compõe a página do facebook do projeto com o objetivo estreitar os laços da escola básica com memórias de mulheres cientistas que contribuíram para a ciência em nosso país e com as cientistas contemporâneas que também são colaboradoras deste projeto.

O design e planejamento do projeto consideram temas que dialoguem com a constituição identitária do sujeito social e desta forma desenvolve módulos conceituais estabelecendo diálogo com o corpo negro e o cabelo crespo. Assim são propostas 20 horas de aula(para cada escola participante) em cada edição do projeto que abordem temas que questionem por exemplo padrão de beleza feminino.

Conclusões

Nossa proposta é uma alternativa para discutir a visão de ciência masculina e questionar os estereótipos de gênero em produção científica.

¹Santos, NP; A relação entre as discussões de gênero e o ensino de ciências: a criação de um grupo de pesquisa no ensino médio. Portal de Conferências do Laboratório de Tecnologias Intelectuais - Mulher e Relações de Gênero/18/12/2012

²TAVARES, Isabel; BRAGA, Maria Lúcia de Santana; LIMA, Betina Stefanello. As negras e os negros nas bolsas de formação e de pesquisa do CNPq. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/documents/10157/66f3ea48-f292-4165-bf7b-8d630bdc8f9f>>.

BRASIL, Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), Diretório dos Grupos de Pesquisas, versão 4.1, 2001. Tabulações Especiais do Sistema de Bolsas.

SOARES, Thereza Amélia. Mulheres em ciência e tecnologia: ascensão limitada. *Química Nova*, São Paulo, SP, v. 24, n. 2, p. 281-285, mar/abr 2001.